

Os significados de Eros e Afrodite

PEDRO LUZES *

O SEXO COMO DIFERENÇA: DA SELECÇÃO SEXUAL AO COMPLEXO DE ÉDIPO

Em 1871, ao publicar a sua obra sobre *A Origem do Homem e a Selecção Sexual (The Descent of Man and Selection in relation to Sex)*, Charles Darwin introduz dois importantes complementos às suas ideias, apresentadas doze anos antes, em *A Origem das Espécies*.

Na *Origem das Espécies*, Darwin não tratara senão por alusão da inserção do homem na evolução geral das espécies, nem tão pouco abordara o papel da sexualidade na evolução. Uma das teses principais da *Origem do Homem* — a das características comuns existentes entre os humanos e os outros vertebrados, e da possibilidade do homem ter uma filiação em espécies infrahumanas — é bem conhecida. Mas o que ele escreveu sobre a «Selecção em relação com o Sexo» é bem menos conhecido e vale a pena evocá-lo aqui como introdução a este estudo:

Um dos grandes aceleradores da evolução da Vida na Terra é, segundo Darwin, a Selecção Sexual, que merece ser considerada como o terceiro grande arquitecto da construção da multiplicidade dos seres vivos. Os outros dois grandes construtores sendo a *Variabilidade dos indivíduos* e a *Selecção Natural*, esta última garantindo a preservação das variações úteis, e a rejeição das prejudiciais, levando desse modo à sobrevivência dos mais aptos e constante progresso das espécies.

A Selecção Sexual como agente modificador vai actuar sobre os caracteres sexuais primários (órgãos reprodutores) e sobre os

caracteres sexuais secundários. Estes últimos são morfológicos e comportamentais; colorações ou ornamentos especiais do corpo, órgãos de ataque e de defesa, aperfeiçoamento de órgãos vocais, robustez, coragem, paixão ou sofreguidão sexual, capacidade de prestar atenção às características especiais do outro sexo. Tal como os órgãos reprodutivos estes caracteres sexuais secundários apresentam um acentuado dimorfismo, criando uma diferença muito marcada entre machos e fêmeas. Este dimorfismo, que começa a notar-se desde os invertebrados, a partir dos Artrópodos, é ainda mais acentuado nos vertebrados.

Os caracteres sexuais secundários, além de serem diferentes segundo o sexo, são mais marcados nos machos do que nas fêmeas. Estas tendem a aproximar-se dum tipo infantil, assexuado, pelo que diz respeito a essas características sexuais secundárias. São os Machos que se apresentam providos de estruturas ou funções que lhes permitem lutar com outros machos, e obter o interesse das melhores fêmeas, ou conquistá-las em maior número. Que estas características consistindo em combatividade, em órgãos agressivos, em adornos extremamente visíveis na época do acasalamento, são resultado de uma selecção sexual e não da selecção natural, é demonstrado segundo Darwin pelo facto de que os machos *menos* bem armados, ornamentados, ou vistosos, terem

* Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Professor Auxiliar na Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

iguais vantagens na luta pela vida e pela possibilidade de deixar uma numerosa descendência — se não fosse a presença de outros machos. A finalidade da evolução das características sexuais secundárias é alcançar a vantagem sobre os outros machos.

As fêmeas que não são ornamentadas, nem têm instrumentos especiais de combate, têm condições de sobreviver e procriar numerosa descendência, porque não estão envolvidas do mesmo modo na selecção sexual.

Em contrapartida os machos armados e ornamentados, com órgãos vocais capazes de chamar as fêmeas e órgãos preensivos capazes de impedir a fuga destas, acham-se de certo modo mais expostos aos ataques de predadores, correm maiores perigos, ao procurarem activamente as fêmeas. A verosimilhança desta explicação é demonstrada pelo facto de muitas vezes os machos não terem, ou perderem, parte dos seus caracteres sexuais secundários no período de imaturidade sexual, ou fora das épocas do cio.

Como é possível a um macho obter vantagem sobre outro macho? Em geral os machos mais vigorosos têm, segundo Darwin, órgãos de locomoção e sensoriais mais desenvolvidos do que os machos menos favorecidos, encontrando as fêmeas mais facilmente. Entre os animais migradores, como narcejas, salmões, etc., os machos chegam primeiro do que as fêmeas aos lugares onde se dá o acasalamento e unem-se às fêmeas mais vigorosas que chegam a seguir a eles. Deste modo há tendências para os melhores deixarem prole mais numerosa, ao que se pode juntar os efeitos da poligamia quando esta aparece, o que tende também a favorecer a reprodução dos mais bem dotados.

As fêmeas também têm um papel a exercer nesta selecção sexual. Embora as fêmeas mostrem uma menor sofreguidão sexual (menos paixão, como diz Darwin, do que os machos) elas são capazes de escolher os machos de maior valor. Há nas fêmeas o equivalente de um sentido estético de beleza, que lhes permite discriminar de entre os machos aqueles que são mais atraentes ou mais vigorosos. Se não houvesse esta sensibilidade especial da fêmea, como seria explicável que aves do paraiso, os faisões argos, os pavões, desenvolvessem as grandes e belas plumas que exibem diante da fêmea?

A comparação estética que as fêmeas destas aves (ou também de outros animais como insectos) estabelecem, tem talvez algo a ver

com a ornamentação que os povos selvagens estabelecem ao pintar e tatuar o corpo com cores brilhantes.

A Selecção Sexual torna-se eficiente pela preservação e acumulação das variações alcançadas. A acumulação é garantida pela transmissão às gerações subsequentes — os indivíduos mais saudáveis de ambos os sexos têm mais filhos e asseguram-lhes uma maior protecção — com modificação gradual da espécie. Há maior incidência sobre os machos das variações alcançadas deste modo, mas a fêmea é igualmente envolvida. Isto porque em regra geral as características adquiridas por Selecção Sexual, embora manifestando-se mais ao nível dos machos, também são herdadas, em parte, pelas fêmeas.

Aplicando estas ideias ao homem, Darwin conclui que a inteligência, força, energia do homem foram conquistadas não através da simples sobrevivência face às forças naturais, mas como resultado da Selecção Sexual. Sendo o homem um animal social, a maior luta vital que enfrenta, é estabelecida com machos rivais pela conquista da fêmea. Parte destas aquisições da Selecção Sexual foram transmitidas igualmente às mulheres — isto acontecendo mais com as fêmeas humanas do que com as fêmeas de outras espécies. Do ponto de vista das características físicas, a evidência da Antropologia, sugere a Darwin que a barba masculina foi adquirida com o fim de excitar o sexo oposto. Igualmente a ausência de pêlo no corpo teria sido ornamento sexual das mulheres, que as tornou mais belas. Como igualmente ficaram mais desprotegidas face às intempéries, isso levou à criação do vestido, nova armadilha sexual, cuja história já não pertence porém à biologia, mas à evolução cultural.

Qual o significado da Selecção Sexual no homem, para além dos factos apontados por Darwin e que acabaram de ser mencionados?

O mais completo aproveitamento da Selecção Sexual foi marcada por Freud que mostrou a sua importância no complexo de Édipo.

Algumas observações preliminares são necessárias. São elas destinadas a mostrar que há uma génese do complexo de Édipo a partir da Selecção Sexual, mas que de modo algum se deve supôr uma sobreposição exequível entre as duas entidades. O complexo de Édipo tem a sua base biológica na Selecção Sexual. Se não houvesse a tendência a desejar um ser sexual especialmente apreciado e a lutar

por ele, em realidade ou em imaginação, jamais surgiria a rivalidade entre a criança e o adulto, a propósito de um outro adulto que no caso vertente é a mãe ou o pai. Jamais se produziria o re-aparecimento na idade adulta de fenómenos de desejo que se revelam ligados à ideia de um obstáculo, que provém do objecto de desejo que parece demasiado belo, ou interditado por um(a) rival. Estes conflitos de desejo-obstáculo-ao-desejo são tão importantes que a sua superação — depois de vividos — implica uma normalidade ou equilíbrio, a sua persistência não modificada, uma patologia chamada de neurótica.

Mas o complexo de Édipo tem além disso associados aos seus aspectos biológicos as múltiplas reflexões e fantasias sobre a filiação. O homem põe a si próprio perguntas sobre a sua origem, sobre o modo como nascem os pequenos do homem, sobre o papel de cada um dos pais na sua geração, que provavelmente não só resultam do desenvolvimento cerebral do homem, mas estimularam em grande parte esse próprio desenvolvimento. Há toda uma gama de problemas filosóficos e científicos, típicos da mentalidade humana — as necessidades de saber o *porquê*, o *como*, o *donde* — que podemos aceitar jamais teriam surgido se não tivessem suas raízes numa tradução simbólica dos questionamentos do complexo de Édipo.

Outra diferença do complexo de Édipo (ligado à ordem humana e social) em relação à Selecção Sexual (conectada com a ordenação natural da vida em geral) é a seguinte: para alcançar os primórdios da vida social da moralidade, e mesmo da religião, Freud supõe que o homem teve que vencer as bases biológicas do complexo de Édipo, quer dizer a Selecção Sexual. Esta *saga* é desenhada em largos traços em *Totem e Tabu*. No início o homem vivera como alguns símios superiores em pequenos grupos, que reuniram um macho poderoso com várias fêmeas a ele submetidas. Esta hipótese, que Freud encontra em Darwin e Atkinson, supunha que os machos jovens que iam nascendo seriam expulsos à medida que iam crescendo, e adquirindo maturidade sexual. A origem do tabu do incesto estaria apoiada sobre o estado de coisas neste pequeno grupo que Freud chama de horda primitiva (*Urhorde*).

À teoria de Darwin e Atkinson, acrescenta Freud a hipótese de que os jovens machos expulsos, teriam constituído grupos organizados, integrando praticamente só irmãos, que teriam depois atacado o grupo comandado pelo

patriarca. Este seria morto e os irmãos teriam dividido entre si as mulheres anteriormente pertencentes ao pai. O vestígio deste crime pré-histórico estaria presente em antigos cerimoniais totémicos e em certos padrões de acção, tradicionais na tragédia antiga.

Segundo Freud, a partir de certo momento, a *Urhorde* manifestação da Selecção Sexual, deve ter dado lugar a uma organização tribal. O progresso intelectual dos nossos antepassados fez surgir uma ideia que depois deve ter sido posta em prática muitas vezes, até se constituir em uso comum. Em vez de simplesmente matar o pai e procurar tomar o seu lugar, dividindo cada um as mulheres segundo a Selecção Sexual, vários jovens ou filhos devem ter pensado assumir o poder não individualmente, mas colectivamente. Esta acção deve ter sido acompanhada dum pacto tácito entre os sucessores do chefe, estabelecendo uma repartição igualitária dos bens e dos alimentos, com proibição do incesto na horda e estabelecimento da exogamia — pois a Selecção Sexual deveria ser um poderoso factor desestabilizante na tribo. Este novo estado de coisas deve ter sido muito difícil de instaurar. Múltiplas lutas fratricidas devem ter substituído as antigas querelas parricidas.

Para tentar evitar o ressurgimento dos processos de Selecção Sexual, e o reaparecimento do poder primitivo do chefe da horda, foram estabelecidos tabus e leis que inicialmente eram puramente exteriores, mas que aos poucos foram adquirindo foros de entidade activa na mente do homem, constituindo aquilo que Freud chamou de Super-eu.

Hoje continuaríamos numa fase não estabilizada em que os desejos relacionados com a Selecção Sexual entrariam em luta com as proibições internas do Super-eu. A manutenção do Super-eu é indispensável pois os imperativos da realidade social prescrevem estritamente a manutenção do homem num quadro cultural estabilizado. Mas os impulsos primitivos dos nossos antepassados — a Selecção Sexual — não podem ser também erradicados. Isso já foi tentado em vários sistemas colectivos (de que são exemplo os kibbutz israelitas). Roubando porém à criança o estímulo primitivo da sexualidade, criando-os em cheches ou escolas em que uma figura maternal ou paternal estão bastante apagadas, há uma espécie de «normalização» no mau sentido do termo, um apagamento das emoções, da criatividade, que parece tirar ao ser humano uma centelha dinamizadora essencial. Para compreender a

inevitabilidade desse fenómeno negativo não precisamos acumular dados antropológicos ou sociológicos, basta lembrarmo-nos do grande princípio biológico estabelecido por Darwin — que a Selecção Sexual é o terceiro grande architecto do progresso das espécies.

O SEXO COMO INCOMPLETUDE: SEXUALIDADE E EMOÇÕES.

É impossível escrever sobre a sexualidade sem tratar desse conjunto de emoções complexas a que chamamos amor. Platão que tão sabiamente falou sobre o amor descreve-o a coberto de numerosas metáforas e alegorias: o amor é como uma força centrípeta que tende a unir os seres numa unidade-totalidade, como teria acontecido com os atrevidos e infelizes Andróginos; que ao mesmo tempo dispensa o homem levando-o ao contacto do Universo através de um processo semelhante àquilo que Freud designará mais tarde por sublimação. O amor tal como é descrito no *Banquete*, é filho da Pobreza (*Penia*) e do Engenho (*Poros*). Como filho da Pobreza é também pobre e solitário, dormindo frequentemente pelas ruas e pelas portas; mas herdou de seu pai, Engenho, as astúcias para conquistar a beleza e os bens aos quais aspira; é portanto em contrapartida empreendedor, vigoroso cheio de artimanhas, procurando a sabedoria, morrendo e nascendo ganhando ao perder, sempre intermediário entre a sabedoria e a ilusão.

Freud, que melhor que ninguém, depois de Platão, escreveu sobre o amor, mostra-nos a escolha dos objectos de amor como comandada pela opção narcísica (aquilo que a pessoa gostaria de ser) ou pela dependência (ser amado e amar por aquilo que damos ou porque nos dão os seres que mais próximo estão de nós). Os imperativos narcísicos e de dependência parecem ecoar as reflexões míticas platónicas, no amor como filho de *Poros* e de *Penia*.

Igualmente descreveu Freud o amor como nascendo de sentimentos hedónicos de prazer — o que o indivíduo procura é a repetição de experiências de satisfação. O amor estaria assim ligado à sexualidade que é a fonte universal do prazer. A sexualidade, logo amor dependeriam não só das experiências tradicionalmente consideradas amorosas; como também da sensualidade de diversas partes do nosso corpo; como das experiências afectivas

e amistosas (sexualidade inibida quanto à meta final); como das satisfações de todas as necessidades vitais; da agressividade; etc.

Assim a maior extensão possível foi dada por Freud à noção de prazer dando-lhe um estatuto não só subjectivo, como neurofisiológico: constituiu a procura do prazer em princípio regulador da conduta — princípio do prazer ou da constância — ao mesmo tempo associando o princípio do prazer a uma tendência neuronal de descarga, que estaria sempre presente.

Vários autores recentes procuram evitar esta extensão aparentemente exagerada da noção de prazer e desprazer, evocando como Arnold e Duffy noções comportamentais de aproximação (*moving toward*) e afastamento (*moving away*) ou como Scot e Plutschik evitando falar em prazer e desprazer e vinculando os sistemas motivadores, homeostáticos, instintivos, emocionais, a funções positivas ou negativas, a avaliações cognitivas de benéfico ou maléfico. Estas funções positivas e negativas, as avaliações cognitivas em bom e mau, porém não parecem ser mais que prazer-desprazer, sob novo nome. Hoje torna-se de novo evidente a necessidade de voltar aos elementos de prazer e desprazer e mostrar como podem eles levar a determinadas acções psíquicas ou físicas.

Começaremos por nos referir a uma noção introduzida por Freud nos *Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade*. Nessa obra Freud distinguiu duas formas de prazer que são extremamente importantes: o prazer preliminar dependente do impulso sexual infantil e das primeiras zonas erógenas, e o prazer terminal característico da satisfação genital, que aparece como algo de novo por altura da puberdade.

O prazer preliminar está ligado primeiramente ao seio. O seio e satisfação da alimentação ao seio são vividos inicialmente na fusão de dois seres em uma unidade-dual. As sensações geradas nessa época da vida ficarão como prototipo de todas as satisfações futuras, como símbolo da comunhão mais íntima. O seio como objecto separado do corpo da criança vai surgindo aos poucos. É um objecto parcial, que irá adquirir o significado dum objecto total, pois o seio representa para além do mais os cuidados maternos, os braços envolventes da mãe, o calor do seu corpo, o sorriso da mãe ao debruçar-se sobre o berço, a sua voz calmante e embaladora, o ritmo dos seus movimentos ao transportar o bebé ao colo.

Como acentua Freud, o instinto sexual vai encontrar aqui, pela primeira vez, um objecto fora do corpo da criança. Mas quando a criança está a formar uma ideia total da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dá a satisfação, perde essa pessoa, tornando-se o instinto sexual auto-erótico; «há pois boas razões», conclui Freud, «para que a criança mamando ao peito se tenha tornado o prototipo de toda a relação de amor. Toda a descoberta de um objecto (de amor) será na realidade uma re-descoberta».

O prazer da relação de objecto oral dara origem a toda a valorização dos prazeres da mesa, seja na forma social da valorização do acolhimento dos outros às refeições em comum, seja nos bons resultados esperados da nutrição adequada — saúde, força. Nas religiões tem tido a maior importância a noção da incorporação oral de animais totémicos, que conferem aos que os comem as suas próprias virtudes, e até mesmo o comer do corpo da divindade, o que significará união com ela.

O prazer oral tornar-se-á simbólico do prazer imaginado da vida intra-uterina, pois a união mais íntima que é dada ao homem lembrar ou observar directamente. Esse prazer é correntemente evocado sob a forma de *sentimento oceânico*. Nos estados místicos o que é procurado é a união e aniquilamento do Eu no conjunto dos outros seres, no Universo, ou na divindade. Não só os estados místicos mas todas as experiências envolventes, sugestivas da dissolução do Eu numa entidade mais vasta, mágica, seja no alcançar do conhecimento ou da verdade, seja nas experiências da «química ceremonial» das drogas, seja na imersão nos ambientes euforizantes da música para as multidões ou da música solitária, nas experiências dos «adoradores do sol», espalhados pelas praias, crendo receber daquele astro uma força regeneradora, ou nas vivências extáticas dos que se banham avidamente, seja nas águas de virtudes curativas — todas essas experiências têm como imagem de fundo a reunião íntima do indivíduo com a mãe e com o seio.

No caso de haver na infância demasiados prazeres orais ou nos casos em que a obtenção destes não tenha encontrado qualquer obstáculo é provocada uma fixação ou uma compulsão em relação com esses prazeres, como mostrou Freud em relação a todas as formas de prazer preliminar. Haverá então obesidade por bulimia ou anorexia, no caso do indivíduo procurar lutar contra a sua fixação. No caso

de perversões, em relação com os prazeres orais, das quais a homossexualidade masculina pode ser um exemplo (V. *Uma Recordação Infantil de Leonardo da Vinci*, de Freud), parece estar em jogo uma carência misturada com satisfações irregulares e desorganizadas. Em todos os casos, a satisfação sexual genital fica prejudicada.

O prazer correspondente à fase anal de desenvolvimento foi considerado por Freud como essencialmente auto-erótico. Mas no entanto esse prazer tem componentes objectais visto que na infância a criança dá à mãe o equivalente a partes do próprio corpo e é capaz a partir do seu corpo de fabricar qualquer coisa que é oferecida à mãe ou que é retida.

O controle neuro-muscular é uma das características essenciais dos prazeres da fase anal. Desse controle neuro-muscular nascem as ambições múltiplas de exercer o controle psíquico sobre o ambiente. Ter a possibilidade de moldar, exercer uma função formadora ou governativa; entre as mulheres o instinto possessivo que leva a desejar fundar um lar duradouro, a possibilidade de reter o feto durante nove meses no ventre — quem não conhece proverbial obstipação feminina que raramente encontra paralelo entre os homens; a possibilidade de «produzir», de maneira industriosa, prudente, ordeira, que liberta o indivíduo as dependências orais. Todos estes fenómenos representam prazeres de tipo anal que desempenham um papel tão importante na nossa vida actual. Erikson, estudando duas tribos de índios americanos, mostrou que uma delas se encontrava afastada dos padrões educativos do americano comum, enquanto a outra tribo apresentava de modo embrionário as mesmas características do sistema educativo anal dumanação moderna. O resultado era uma inadaptação total num caso, no outro um modo de vida perfeitamente adaptado à civilização americana.

O amor obsessivo que mostramos pelos nossos filhos, a preocupação com a educação, com os problemas morais, físicos, sexuais, da infância, nem sempre existiram. Essa preocupação educativa não é gratuita. Trata-se de obter uma fixação em prazeres de tipo anal que levem o indivíduo a integrar-se na moderna Cidade, industrializada e tecnológica, cujas exigências são sem dúvida maiores do que as de qualquer outra sociedade anterior. As variações patológicas desse sistema educativo são bem conhecidas: alterações de tipo obsessivo, como meticulosidade, teimosia, concepções

anais das relações sexuais e do nascimento, preocupações com a acumulação de dinheiro ou de objectos, certas perversões sexuais, etc.

Se considerarmos agora a sexualidade genital vemos que os prazeres a ela ligados são muito diferentes das formas de prazer examinadas até agora. Freud chamou ao prazer dependente do funcionamento genital, prazer terminal. Este termo indica que o acto consumatório uma vez alcançado não é possível prolongar o prazer — ao contrário do que sucede por exemplo com os prazeres orais em que a saciedade pode ser indefinidamente adiada, recorrendo inclusive, como os antigos Romanos, ao esvaziamento do estômago pelo vômito.

O carácter específico dos órgãos que servem o orgasmo genital explica talvez o carácter mais brusco do início da excitação e também a sua mais rápida descarga. Nos casos de prazer preliminar os órgãos envolvidos não são órgãos especialmente destinados à obtenção do prazer — adquirem essa função secundariamente. Tudo o que no amor representa o trabalho de «conquista», as fantasias associadas com amores ainda não realizados, o orgulho e o sentimento de auto-afirmação resultantes do amor realizado, os medos da perda do objecto amado, a possessividade, o ciúme, a dependência do objecto de amor — são relacionados com outros prazeres, outras ideias, outros afectos que não aqueles que podem nascer sob a influência do impulso genital propriamente dito. Os simbolismos relacionados com o prazer genital aparecem com carácter alucinatório nos sonhos, como Freud acentuou na *Interpretação dos Sonhos*, onde fez figurar listas de equivalentes simbólicos dos órgãos genitais ou da consumação amorosa. Mas quando se trata da nossa existência vigil vemos que o simbolismo sexual aparece ligado a uma comunicação de sinais, que tem mais que ver com o campo social do que com os desejos sexuais. A existência de símbolos de masculinidade e de feminilidade para o homem e para a mulher, tornam-se então expressão de uma completude da personalidade, de uma afirmação narcísica de maturidade que excluem o medo e a dependência infantil, que procuram afirmar fantasias de competência, de poder, de sedução, equivalentes àqueles que noutros casos são sublinhadas por sinais de riqueza (anal) ou de plenitude (oral). Portanto no campo das satisfações simbólicas o predomínio do prazer genital sobre o prazer pré-genital pode ser invertido. A designação

de *fálico* é a que convém utilizar em relação a estes simbolismos, e não a de genital.

M. Balint procurou sistematizar as diferenças existentes entre prazer preliminar e prazer terminal, comparando-os metaforicamente a Eros e Afrodite. Eros entre os Antigos era uma criança-deus que nunca crescia, nem se tornava amante de qualquer deusa. No entanto o seu poder era imenso e nas alegorias em que eram representados os seus triunfos, mesmo Zeus, o maior dos deuses, aparecia acorrentado como seu prisioneiro. Afrodite é concebida como uma mulher muito bela que nunca foi criança, nascendo das ondas já adulta, que provoca o amor em todos os deuses e mortais e é altamente sexuada sendo as suas ligações com deuses, e mesmo com mortais, inúmeras.

Afrodite, nesta metáfora de Balint, é reconhecível como representante do amor orgástico, do prazer terminal que só surge na idade adulta ou perto dela, depois da puberdade. Eros é o componente infantil do amor, o prazer preliminar, talvez mais universal que o amor adulto.

Há um problema essencial a resolver segundo Balint, é saber se o prazer terminal e o prazer preliminar estão relacionados na sua origem, ou podem ser considerados como de origens distintas. A teoria psicanalítica clássica admite que se trata de fenómenos em continuidade, que há um deslocamento progressivo da libido através das diferentes zonas erógenas, acabando na zona genital, que garante o prazer terminal.

Porém observando melhor os factos vemos, segundo Balint, que o prazer terminal parece ser uma aquisição recente que não está presente nas espécies animais e que está rodeado de um sistema complexo de emoções, que lhe permitem ampliar de modo espantoso os seus efeitos. O prazer preliminar, em contrapartida, está ligado a funções somáticas que possivelmente também são presentes nos animais.

Mas no homem, as duas funções do prazer, terminal e preliminar, parecendo independentes nas suas origens, tendem a combinar-se para produzirem efeitos novos. Do ponto de vista emocional, as funções preliminares parecem capazes de acumular grande excitação, mas com incapacidade de a descarregar. Por outro lado os órgãos sexuais propriamente ditos não parecem capazes de acumular uma grande excitação e, se há uma estimulação directa desses órgãos, rapidamente se produz a descarga, ao contrário do que sucede com a esti-

mulação dos órgãos somáticos que transmitam a sua estimulação, por mecanismos vegetativos, aos órgãos sexuais, sem levar à descarga.

Sendo a descarga final terrivelmente forte há uma perda dos limites do Eu, um estado de inconsciência, de diluição da identidade que pode ser sentido como ameaçador. Daí resultam dificuldades da função orgástica, que não existem para a função pré-genital.

O significado do prazer preliminar parece depender de nos tornarmos outra vez crianças, continua a argumentação de Balint. Sendo os humanos que nascem imaturos (Bolk) sentem a necessidade de recapitular as fases de prazer infantil, periodicamente, e sobretudo antes de chegarem ao orgasmo — uma espécie de recapitulação da filogênese no comportamento sexual ontogenético.

Finalmente há duas características do prazer preliminar acentuadas por Balint: o prazer preliminar é igual para os dois sexos, logo é de certo modo um prazer assexuado; o prazer preliminar está associado às emoções externas, com palavras e carícias infantis que marcam por exemplo o início das relações sexuais. As actividades ligadas ao prazer preliminar têm existência independente do prazer terminal. Existem durante toda a vida desde a infância até à morte, enquanto o prazer terminal apenas aparece depois da puberdade e desaparece na velhice. O prazer preliminar também está na base das diferentes perversões sexuais.

SENSUALIDADE E SEXUALIDADE

Procurámos ver as bases instintivas e afectivas da sexualidade. Ambos estes aspectos parecem apoiados sobre uma ampla estrutura biológica. Se não fosse a força instintiva primitiva da sexualidade, talvez muitas das características da espécie humana não tivessem feito o seu aparecimento. Não afirmava Platão no *Banquete* que a filosofia não existiria se não fosse a sexualidade? Não vincula Darwin tantas virtudes morais e sociais a essa mesma sexualidade e as observações de Freud não parecem confirmar essas formulações? No que diz respeito às emoções, vimos a sexualidade ir buscar as suas raízes, já não ao passado da espécie, mas a uma síntese de todas as dependências e imaturidades existenciais do ser humano. Essas debilidades iniciais forçaram-nos a estabelecer ligação com outros seres

humanos de uma maneira estável, que o prazer, estado fundamental de todo o acontecer emocional, vem depois consolidar. Uma terceira origem na sexualidade tem-se tornado cada vez mais aparente — a sensualidade.

A sensualidade, tal como a entendo, marca a dependência do indivíduo já não em relação a outros companheiros humanos, mas em relação ao seu próprio corpo. A sensualidade seria assim alicerce de fenómenos como o auto-erotismo, a masturbação, a canalização do interesse sexual para certas partes do corpo isoladas, a utilização de acessórios mecânicos para a sexualidade, a pornografia, a maioria das perversões sexuais.

Na história da Humanidade haveria períodos de maior sensualidade a contrapor a outros de menor sensualidade. Nos períodos duma menor sensualidade de que seriam exemplo o século XIX Victoriano, a Idade Média, a Contra-Reforma, haveria sob a acção de um recalçamento mais intenso, tendência para a aparição de síndromas passionais, para a espiritualização do amor associada a uma depreciação do corpo.

Nas épocas de maior sensualidade de que são exemplo o Mundo Antigo de Gregos e Romanos, a Renascença, o século XVIII, e a época actual da chamada sociedade permissiva, haveria predominância e valorização do corpo, associadas a uma atitude mais materialista em face da vida e do sexo. A sensualidade e a sexualidade libertas de muitos tabus apareceriam ao mesmo tempo como mais acessíveis mas também banalizadas. O amor seria nessas épocas visto como equivalente a outras necessidades fisiológicas, como as de comer, dormir, satisfazer aspirações de conforto e de bem-estar.

A oposição entre estas duas mentalidades poderia ser explicada em termos sociológicos. As épocas de maior sexualidade corresponderiam a períodos de matriarcado. Na Antiguidade teria havido civilizações de tipo agrícola, com um predomínio social relativo das mulheres e no aspecto religioso adoração de uma *Magna Mater*, que representaria a maternidade, a criatividade e a fertilidade. Para propiciar os poderes criadores dessa deusa primitiva haveria um comportamento sexual livre, que tinha lugar nos campos e florestas, de modo a influenciar a *Magna Mater* através de uma mágica imitativa. Nesses rituais alguns homens eram induzidos a autocastrarem-se para se tornarem mais adequadamente servidores da divindade feminina. Nos períodos da história grega clássica, a religião maternal teria reapaa-

recido nos ritos dionisíacos em que a mulher tinha predominância. Porém, no campo social a influência feminina teria sido abafada, sendo a mulher confinada ao lar, perdendo a liberdade sexual que antes era equivalente à do homem, e sendo-lhe confiado um papel limitado na produção ou antes na reprodução, para assegurar a continuidade da prole, segundo a linha patrilinear.

As épocas mais puritanas, menos sensuais da História, seriam dependentes de uma civilização mais patriarcal, em que os homens se agrupavam em fratrias de guerreiros ou caçadores e adoravam uma divindade masculina representada pelo céu, pelo trovão, ou por qualquer outro ente superior ligado com os astros e as influências climáticas. Na Antiga Grécia tais civilizações fariam o seu aparecimento depois das invasões dóricas do século IX e seriam representadas do ponto de vista social e religioso pelas instituições consideradas típicas da Cidade Grega e pela mitologia clássica que chegou até nós.

Além desta interpretação de tipo sociológico, ainda podemos fazer apelo a outras explicações mais psicológicas para tentar chegar a uma compreensão mais íntima da terceira componente da sexualidade, que estamos procurando isolar.

Uma das abordagens que poderia ser evocada é a que nos é dada por Patrick Sexton, num livro que teve bastante eco nos inícios dos anos 70 e que tinha por título *O Homem Feminizado (The Feminized Male)*. A tese deste livro é que na nossa época as características masculinas dos jovens do chamado sexo forte e mesmo dos homens, vem sofrendo um eclipse gradual. Mesmo aqueles *hippie blousons noirs*, que parecem na juventude pertencer a uma minoria activa e contestatária, logo masculina, não são mais do que jovens da classe média que foram feminizados pelas escolas e pelas mães dominadoras, e que estão apenas procurando os seus impulsos masculinos normais, cortando as ligações maternas e tornando-se desta maneira homens.

A escola, a vida de escritório com a sua organização sedentária, a obediência excessiva, vão feminizando os homens a seguir a uma educação em casa dominada por mulheres. O facto significativo não é apenas que as mães se mostram muitas vezes predominantes no lar: também devido à sua insatisfação com o mundo social presente, que não lhes oferece oportunidades equivalentes às dos homens, as mulheres são levadas a adoptar uma atitude

ambivalente e vingadora em relação aos filhos varões. Esta atitude é continuada no ensino pré-universitário, em que a maioria do pessoal técnico é feminino.

As qualidades masculinas tais como a coragem, a autodeterminação, certas formas de agressividade, o culto de certas perícias ou competências tecnológicas, a solidariedade de grupo, o espírito de aventura e uma certa rudeza de corpo e de espírito são diminuídas.

O desvio ou diminuição destas características tornará estes homens homossexuais? Trata-se fundamentalmente, como diz Sexton, de uma questão de personalidade e não de uma questão de identidade sexual. A homossexualidade pode resultar em maiores números desta conversão do homem em animal mais domesticado, mas este não é o resultado fundamental que a autora pretende apontar. São as atitudes sociais, mais que os comportamentos sexuais, que são influenciados.

A mulher, que nas sociedades modernas tem conquistado os tempos livres mas não uma influência ao nível de importantes centros de decisão, volta-se para o que Sexton chama o «adorno». Adorna a face, os cabelos, a casa, as crianças, tudo aquilo em que toca. Torna-se protectora das Artes, em especial das artes menores como ópera, *ballets*, concertos, deixando de lado inalteradas, por exemplo, a deformidade e ineficiência das cidades.

Estas mulheres atraem atrás de si uma multidão de ajudantes masculinos, que são como os eunucos dos tempos antigos: homens feminizados que são decoradores, cabeleireiros, costureiros, fabricantes de cosméticos, alguns pintores, certos arquitectos, actores do teatro ou TV, etc. Todos eles estão ocupados em massajar, ou alindar tanto o corpo, como a alma, principalmente das mulheres.

Todas estas actividades ligadas ao que Sexton chama colectivamente *soft jobs* ou *l'Académie féminine* têm incidência sobre o assunto que estamos tratando — o da sensualidade. A mulher tem uma maior dose de sensualidade que o homem, tem um temperamento mais narcísico, o que a leva a cuidar muito dela própria e a tentar eliminar tudo o que nela possa ser considerado como deficiência ou castração. Isto é confirmado pelas observações de Freud no seu trabalho sobre a *Feminilidade (Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanalyse)*. O orgulho que o homem investe no seu *falus* é difundido pela mulher a todo o seu corpo. No mesmo trabalho sobre a feminilidade Freud acentua que enquanto os homens são

mais voltados para um amor mais activo, as mulheres têm fins mais passivos procurando mais ser amadas do que amar. Quando escolhem um objecto, as mulheres fazem-no baseando-se em um ideal narcísico, representando o objecto, o homem que elas gostariam de ter sido.

Estas diferenças entre o homem e a mulher, notadas por Freud, têm-se apagado na nossa civilização actual. O narcisismo nos homens tem crescido, parecendo depender, frequentemente, mais das características gerais do corpo, de produtos fornecidos pelos industriais de cosméticos e similares, do que de atributos fálicos. As escolhas objectais dos homens obedecem com muito maior frequência a um critério em que a mulher é tomada, por sua vez, como um adorno do homem ao contrário dos critérios antigos de valorização objectal. Esta aproximação do homem e da mulher no aspecto da sua identidade masculina e feminina (ou do *sex gender*, como diz Stoller) lembra-nos o que é afirmado pelos sexologistas Masters e Johnson, que procuraram mostrar a polaridade dominante antiga da mulher como *garçon manqué*, evoluindo nos nossos dias para o seu contrário — tornando-se o homem uma *femme manquée*.

Mesmo que não queiramos aceitar posições tão extremas como as de Masters e Johnson, ou de Sexton, temos que reconhecer que houve uma feminização do homem e que esta feminização vem associada a uma nova sensualidade (amor do adorno, valorização do que é fácil, macio) que até há pouco tinha sido atribuída mais ao sexo feminino do que ao masculino.

Para elucidar este problema da sensualidade, quero referir-me em último lugar a uma possível origem em fases da evolução mais recuadas — mais particularmente na fase autística do desenvolvimento. Certos autores como M. Mahler, Tustin, Meltzer que estudaram as primeiras fases do desenvolvimento da criança, a chamada fase autística de Mahler, têm acentuado o apego das crianças, nos primeiros meses de vida, aos dados sensuais que dependem do tacto, do sentido cenestésico e possivelmente do cheiro. A importância destes elementos é particularmente evidente quando as crianças não conseguem evoluir para além desta fase, constituindo-se aqueles síndromas que Kanner chamou de Autismo precoce. Os casos em que depois de uma certa evolução marcada por dificuldades várias há um regresso a fases próximas do autismo inicial também

nos interessam neste contexto. O que estas crianças procuram é uma fonte ininterrupta de satisfações, na quase totalidade dos casos obtida à custa de objectos materiais que não só asseguram um contacto ininterrupto mas que funcionam como extensões do próprio corpo ou de partes do próprio corpo — objectos em geral metálicos e duros que fazem rodopiar ou manipulam obsessivamente e que são chamados *objectos autísticos*.

A criança autista na maioria dos casos sofreu grandes carências maternas. Para evitar a perda repetida daquilo que a mãe representava, deve voltar a considerar a mãe ausente como presente, sob a forma de uma sensação mecânica que substitui a mãe e além disso implica a unidade do Eu e não-Eu, reconstituída e envolvida por uma carapaça protectora. Simplesmente esta companhia que o «objecto autístico» lhe oferece é falsa, visto que esta mãe artificial (que lembra as mães de arame de Harlow que nem os próprios símios aceitam) dá apenas o contorno ou a consistência da mãe real. Os aspectos funcionais da mãe são ignorados (a função alimentar e outras) o que conduziria estas crianças a uma morte certa sem a prestação de cuidados intensivos.

De qualquer maneira a base deste estado psicopatológico precoce é uma sensação subjectiva de sensualidade, de completude illusória, com recusa da realidade e da experiência.

Não há dúvida que esta sensualidade primitiva sempre existiu. Sempre foi traduzida pelos fenómenos que descrevemos de auto-erotismo, masturbação, pornografia, preocupações com partes isoladas do corpo (seios, nádegas, órgãos genitais), perversões sexuais, toxico-mania. Hoje porém esta sensualidade é promovida e enaltecida pelos próprios sexologistas, como se pode facilmente constatar pela leitura do relatório Hite, dos livros de Masters e Johnson. O incremento da sensualidade, independentemente de qualquer experiência inter-pessoal, e na ausência de representações simbólicas interiorizadas, tende a representar uma concentração sobre o próprio corpo que ameaça directamente a existência de uma sexualidade, como comunicação e prazer partilhado. A experiência sensorial, sensual, do próprio corpo, na falta de estímulos adequados que afastem de um caminho exclusivamente narcísico, passou de fundamento da sexualidade a uma tentativa de destruição de todas aquelas capacidades que até agora tinham sido desenvolvidas pela sexualidade: as capacidades do homem e da

mulher seguirem as leis da selecção sexual e a possibilidade de combinarem, dentro de si, instinto sexual e emoções, de modo a poderem estabelecer entre um e outro uma união harmoniosa.

SUMMARY

This paper discusses the different meanings of sexuality and love: biological, emotional and corporal.

The main biological influence shaping sexual life seems to be Sexual Selection as described by Darwin. Darwin viewed secondary sexual characters, as well as the taste each sex showed for the other, as a result of Selection in relation to Sex. In a great measure the intelligence and mental powers shown by man seem also to be due to Sexual Selection, as man is a social animal who finds his greatest life challenge in the struggle with other individuals of the same sex (this being especially true for the males of the human species).

The Selection in relation to Sex is rendered manifest in man by the Oedipus complex, as Freud attempted to show in his book Totem and Taboo. The Oedipus complex has both to be experienced (as a form of Sexual Selection) and gone beyond (getting man away from Sexual Selection) if man is to attain his complete development.

Sexuality derives a great part of its strength from the emotions. They help to motivate man in relation to sex, because of the incomplete nature of human sexual instincts. Various oppositions can be described in what concerns the sexual-toned emotions. The opposition between narcissism and dependency, between fore-pleasure and end-pleasure. All these emotional components are worked through and find a synthesis through their psychic representation.

Finally there is a group of bodily sensations that are causes of variability in human sexual feeling. These bodily sensations are issued, according to our hypothesis, from pri-

mitive stages of development (Mahler's autistic phase). External influences increase fixation at this phase of primitive feeling. The end-result may be a disconnected sensuousness, where the sexual partner plays only a small part. Thus auto-erotism, perverse trends, pornography, attention to isolated parts of the body, become prominent.

REFERÊNCIAS

- ARNOLD, M. (1960) — *Emotion and Personality*, Vol. I, II, New York, Columbia University Press.
- BALINT, M. (1965) — *Primary Love and Psycho-Analytical Technique*, London, Tavistock Publications.
- DARWIN, CH. (1859 e 1871) — *The Origin of Species by means of Natural Selection, The Descent of Man and Selection in relation to Sex*, New York, The Modern Library.
- DUFFY, E. (1962) — *Activation and Behavior*, New York, Wiley.
- FREUD, S., (1892-1939) — *Gesammelte Werke*, Frankfurt am Main, S. Fischer.
- HITE, S. (1976) — *The Hite Report: A Nationwide Study on Female Sexuality*, New York, MacMillan.
- MAHLER, M. S. e outros (1975) — *The Psychological Birth of the Human Infant*, London, Hutchinson.
- MASTERS, W. H. e JOHNSON V. E. (1966) — *Human Sexual Response*, Boston, Little, Brown and Company.
- MASTERS, W. H. e JOHNSON V. E. (1970) — *Human Sexual Inadequacy*, Boston, Little, Brown and Company.
- MELTZER, D. e outros (1975) — *Explorations in Autism, a Psycho-Analytical Study*, Clunie Press.
- PLUTCHIK, R. (1980) — «A General Psychoevolutionary Theory of Emotion» in Plutchik, R. e Kellerman, H. (eds.) *Emotion, Theory, Research and Experience*, New York, Academic Press.
- SCOT, J. P. (1980) — «The Functions of Emotion in Behavioral Systems, a Systems Theory Analysis» in Plutchik, R. e Kellerman, H. (eds.) *Emotion, Theory, Research and Experience*, New York, Academic Press.
- SEXTON, P. C. (1969) — *The Feminized Male*, New York, Random House.
- STOLLER, R. J. (1968) — *Sex and Gender*, London, The Hogarth Press.
- TUSTIN, F. (1981) — *Autistic States in Children*. London, Routledge & Kegan Paul.